

VAL DO BRASIL Saída para a Dívida

O endividamento externo dos países em desenvolvimento começa a ganhar um novo contorno a partir de hoje. Enquanto os ministros das Finanças dos sete países mais ricos do mundo se reúnem em Washington, acertando com o governo Bush a nova estratégia de políticas econômicas convergentes, incluindo a questão do endividamento, em Caracas, durante a posse do novo presidente da Venezuela, dirigentes de 33 países debatem o assunto pela perspectiva dos devedores.

A solução do processo de endividamento, guardadas as peculiaridades de cada devedor, que recomendam a renegociação caso a caso, é do interesse estratégico de todo o sistema capitalista e vital para a complementação econômica e política que começa a ser ensaiada entre os países de economia de mercado e os de economia planificada, a partir do acordo de desarmamento celebrado entre os Estados Unidos e a União Soviética.

O mundo caminha para o século XXI inaugurando uma fase de paz. A consciência da interdependência política e econômica do mundo, guardadas as identidades das nações, leva as discussões, necessariamente, para molduras mais amplas. Os recursos naturais são finitos e sua exploração predatória pode comprometer o futuro de toda a humanidade. Por isso, os países e sistemas econômicos e políticos precisam se complementar para oferecer, da forma mais eficiente, bem-estar às suas populações. Os dirigentes da URSS e da China compreenderam bem isso e abriram suas economias ao capitalismo sem alterar a essência do regime.

No caso dos países em desenvolvimento, que utilizaram o endividamento externo para modernizar suas estruturas e se oferecer como novo

cenário para a expansão do sistema de economia de mercado, a crise de balanço de pagamentos, que eclodiu em 1982, deixou os grandes devedores praticamente à margem da onda de modernização tecnológica e das alterações de estruturas ocorridas nos principais países industrializados.

Isso se deu porque os devedores, falidos pelo impacto da alta dos juros nos Estados Unidos, no final dos anos 70, em função do descompasso entre a política monetária, fortemente restritiva, e os gastos públicos com programas militares, trocaram a condição histórica de importadores de capital pela de exportadores de divisas para os países ricos. Em parte, isto se deu mediante políticas restritivas do consumo interno para gerar saldos comerciais capazes de pagar os juros devidos aos credores.

Solucionada em termos elevados com a URSS a questão dos gastos militares, os EUA — que têm interesse em reduzir seu déficit público, financiado com créditos de US\$ 400 bilhões do exterior, em especial do Japão e da Alemanha — em boa hora discutem com seus parceiros do Grupo dos Sete Grandes uma nova estratégia econômica mundial que contemple soluções efetivas para a crise do endividamento.

Nações importantes do ponto de vista político, estratégico e da própria sobrevivência da humanidade, como celeiros de alimentos e repositórios de recursos minerais, não podem ficar condenadas à estagnação econômica que ameaça suas instituições e priva do bem-estar social suas populações. O Brasil deve se preparar para essa fase de ampla rediscussão da dívida externa com o objetivo de explorar as vantagens peculiares de sua situação, visando a aliviar o serviço da dívida e a obter o indispensável cenário para a retomada do processo de desenvolvimento, interrompido à revelia de sua vontade soberana.